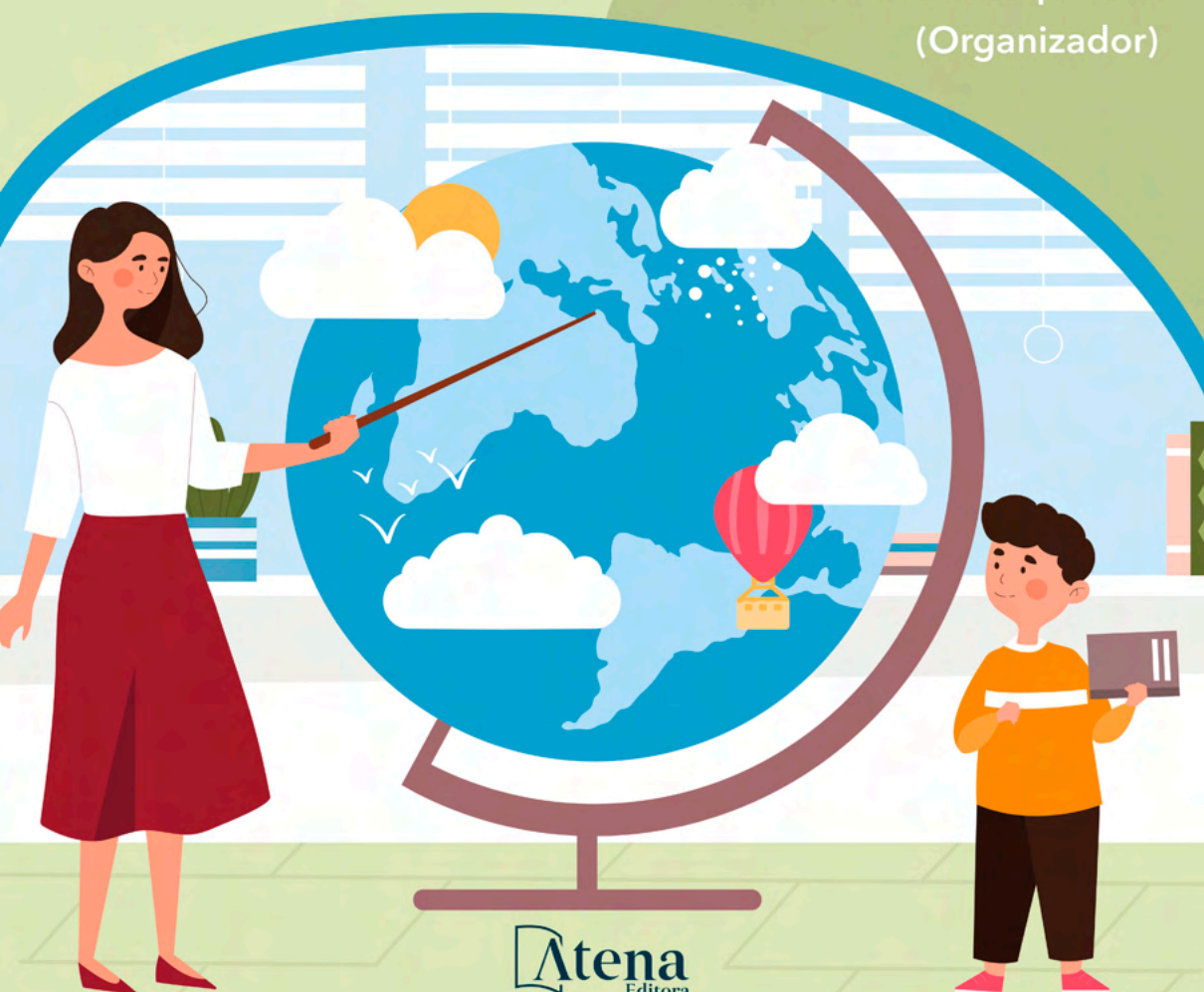


# GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas

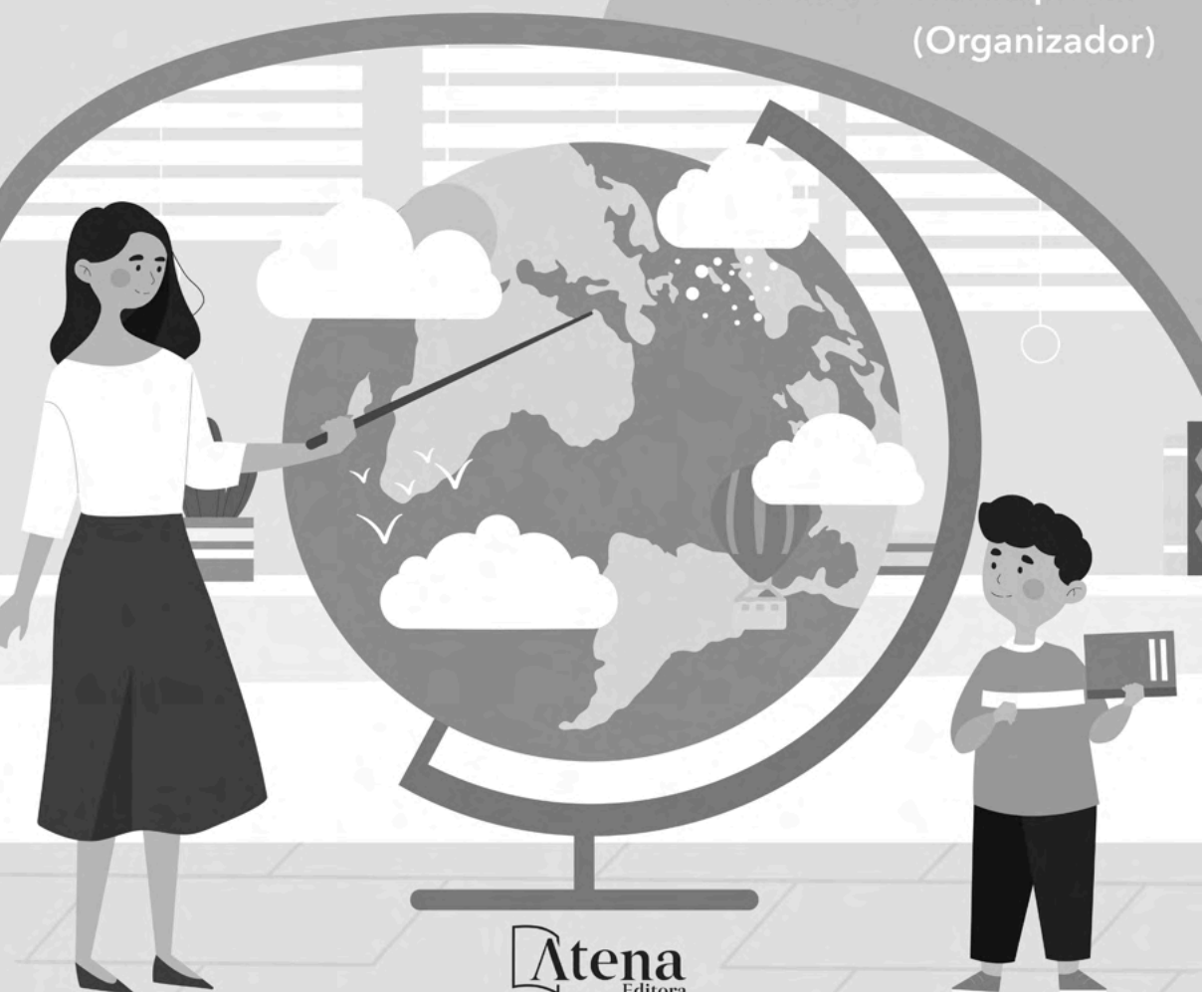
Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)



# GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas

Adilson Tadeu Basquerote  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas /  
Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa  
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-912-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.124220703>

1. Geografia – Estudo e ensino. I. Basquerote, Adilson  
Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra: “**Geografia e ensino: Dimensões teóricas e práticas**”, apresenta estudos que interconectam a pesquisa, o ensino. Nela, distintos aspectos dos processos teóricos, práticos e pedagógicos da ciência geográfica são apresentados, de modo a compor em parte, um panorama dos caminhos trilhados pelos estudos geográficos e das possíveis nuances que podem ser investigados, sob a luz do entendimento das sociedades e dos espaços por elas habitados.

Partindo desse entendimento, o livro composto por doze capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, de distintos pesquisadores de diferentes instituições e regiões brasileiras e uma de Coimbra, Portugal. Apresenta pesquisas do cenário educativo, ou de pesquisa, que interrelacionam ações humanas sobre o espaço, destacando a centralidade das relações de poder na constituição social. Entre os temas abordados, predominam estudos sobre inclusão, educação especial, currículo, cartografia, educação ambiental, uso pedagógico de jogos, alimentação, mobilidade, fontes de energia, entre outros.







Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote




## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A GEOGRAFIA POÉTICA E O ENSINO PAN – AMAZÔNICO DE FRONTEIRA	
Francisco Marqueline Santana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207031">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207031</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
APRENDER BRINCANDO: O AMAZONAS E A AMAZÔNIA EM JOGOS	
Marcela Vieira Pereira Mafra	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207032">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207032</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA ALUNOS ESPECIAIS	
Luciene Soares de Oliveira Pena	
Monique Cardoso de Almeida	
José Henrique Rodrigues Stacciarini	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207033">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207033</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
SUJEITOS, TRAJETÓRIAS E LUGARES: INCLUSÃO E ARTE ATRAVÉS DA CAPOEIRA	
Jackson Luis Capote	
Clayton Luiz da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207034">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207034</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
REPENSANDO O CURRÍCULO: UMA PROPOSTA DE GEOGRAFIA ESCOLAR PARA INDÍGENAS DA ETNIA ATIKUM EM ANGICAL – BAHIA	
Édila Bianca Monfardini Borges	
Valney Dias Rigonato	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207035">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207035</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
A CARTOGRAFIA ESCOLAR E O PENSAMENTO ESPACIAL DOS ESTUDANTES AO FINAL DO FUNDAMENTAL BRASILEIRO	
Ronaldo Goulart Duarte	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207036">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207036</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O ENSINO DE GEOGRAFIA E A POÉTICA ONTOLÓGICA DO BEM VIVER	
Francisco Marqueline Santana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207037">https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207037</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
EXPERIÊNCIAS IMIGRATÓRIAS EM PEQUENOS ESPAÇOS INSULARES. OS CASOS	

DAS ILHAS GRACIOSA (AÇORES) E EL HIERRO (CANÁRIAS)

Paulo Espínola

Fernanda Cravidão


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207038>

**CAPÍTULO 9..... 100**

**ENERGIA GEOTÉRMICA E BOMBA DE CALOR: ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL A PARTIR DE OUTRAS FONTES DE ENERGIA**

Margareth Santoro Baptista de Oliveira

Thiago Santoro Baptista Tirelo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1242207039>

**CAPÍTULO 10..... 109**


**A BR 158 E AS TRANSFORMAÇÕES DO CERRADO NO VALE DO ARAGUAIA MATO-GROSSENSE**

Elizeu Demambro

Pedro Araújo Pietrafesa

Gabriela Vivian Gómes Rojas

Elisangela Kipper

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12422070310>

**CAPÍTULO 11..... 125**

**RÓTULOS DOS ALIMENTOS NO BRASIL: UM ESTUDO À LUZ DA “GEOGRAFIA MÉDICA” (2012-2020)**

Luciene Soares de Oliveira Pena

José Henrique Rodrigues Stacciarini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12422070311>


**CAPÍTULO 12..... 130**

**O LUGAR DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO EM ARAGUAÍNA-TO (2017-2018)**

Ana Caroline Pereira dos Santos

Tatiana do Carmo de Almeida

Fátima Maria de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.12422070312>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 140**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 141**

## REPENSANDO O CURRÍCULO: UMA PROPOSTA DE GEOGRAFIA ESCOLAR PARA INDÍGENAS DA ETNIA ATIKUM EM ANGICAL – BAHIA

*Data de aceite: 01/03/2022*

*Data de submissão: 09/01/2022*

**Édila Bianca Monfardini Borges**

Escola SESI Ignez Pitta de Almeida  
Barreiras – Bahia

<http://lattes.cnpq.br/7327311538741482>

**Valney Dias Rigonato**

Universidade Federal do Oeste da Bahia  
Barreiras – Bahia

<http://lattes.cnpq.br/7197391328092124>

**RESUMO:** Este artigo apresenta reflexões acerca do processo de ensino – aprendizagem de Geografia na Escola Municipal Indígena Atikum. O objetivo foi construir uma proposta de plano de curso para a disciplina supracitada que condiz com a realidade e o espaço de vivência dos estudantes indígenas. Em virtude da realidade escolar da comunidade indígena em questão, optou-se pela leitura Etnogeográfica do modo de vida dos indígenas Atikum, bem como, roda de conversas com pais e professores para analisar o ensino oferecido e as perspectivas que almejam implementar na escola que possam ser o reflexo do cotidiano sociocultural da comunidade. Ao longo da pesquisa no espaço escolar e participação na jornada pedagógica, foi possível constatar a tensão que os indígenas enfrentam no sistema educacional formal imposto que silencia a discussão e reivindicação de um ensino de Geografia escolar específico. Dessa forma, os resultados revelam que embora

estes se apropriam do sentido de identidade e pertencimento em relação ao lugar onde se vive, não há espaços formativos para repensar o currículo diferenciado para os indígenas. Porém, de forma independente tentam implementar práticas escolares que fazem sentido para os alunos e sua comunidade.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ensino de Geografia. Currículo. Educação Escolar Indígena.

### RETHINKING THE CURRICULUM: A PROPOSAL FOR SCHOOL GEOGRAPHY FOR ATIKUM ETHNIC INDIGENOUS IN ANGICAL – BAHIA

**ABSTRACT:** This article presents reflections on the teaching-learning process of Geography at the Atikum Indigenous Municipal School. The objective was to build a proposal for a course plan for the aforementioned discipline that matches the reality and living space of indigenous students. Due to the school reality of the indigenous community in question, an Ethnogeographic reading of the way of life of the Atikum indigenous people was chosen, as well as a round of conversations with parents and teachers to analyze the teaching offered and the perspectives they aim to implement in the school. to be a reflection of the sociocultural daily life of the community. During the research in the school space and participation in the pedagogical journey, it was possible to verify the tension that the indigenous people face in the imposed formal educational system, which silences the discussion and demand for a specific teaching of Geography. Thus, the results reveal that although they appropriate the sense of identity

and belonging in relation to the place where they live, there are no training spaces to rethink the differentiated curriculum for the indigenous people. However, they independently try to implement school practices that make sense to students and their community.

**KEYWORDS:** Geography Teaching. Resume. Indigenous School Education.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Educação Escolar Indígena específica e diferenciada é uma forma de resistência em que a comunidade indígena Atikum se apropria para tentar romper com o modelo educacional que operam a partir da colonialidade. Assim, o principal foco deste artigo é apresentar e discutir uma proposta curricular para o ensino de Geografia da Escola Municipal Indígena Atikum em Angical – Bahia. No decorrer da pesquisa, identificamos entraves que por ora inviabilizam o ensino diferenciado como a invisibilização da escola supracitada, por parte da Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe/Bahia, na qual, não há propostas de percursos formativos para elaborar e oficializar o currículo específico para os indígenas.

De modo geral, percebemos que esse contexto implica diretamente “na reelaboração social, material simbólica e cultural, econômica e política do modo de vida das famílias indígenas” (BORGES e RIGONATO, 2020) e como reflete no ensino oferecido para as crianças indígenas. Nesta pesquisa Etnogeográfica, consideremos as mães e estudantes indígenas como novo sujeito escolar, no intuito de compreender o ensino de Geografia até então vigente e as perspectivas de reelaboração do saber geográfico na/da escola, e para tanto fez-se necessário a participação ativa.

Ao longo da convivência e inúmeras rodas de conversas, compreendemos os anseios da comunidade indígena de um currículo que seja o reflexo do seu modo de vida, suas trajetórias, crenças, religiosidade, cultura. A perspectiva do ensino de Geografia que explique sua relação com a terra em que vivem, com o rio onde tomam banho e fornece um de seus principais alimentos, bem como, deixar como legado a seus filhos sua identidade que perpassa, mas não se finda, sob as margens do Rio Grande.

Segundo Resende (1989) deixamos de valorizar o conhecimento prévio que o aluno traz de seu espaço geográfico, valorizando primeiro e inserindo o saber desconhecido, negando o espaço histórico do aluno. Na abordagem da Geografia, o aluno deve partir primeiro do estudo do seu ambiente mais próximo: o lugar onde mora, a percepção que se tem desse lugar. Em virtude dessas considerações, ele aprenderá a localizar e representar o espaço que o cerca.

Com esse respaldo percebemos que muitas vezes procuramos explicar fenômenos geográficos somente pela via científica, com respostas sólidas e engessadas, e desconsideramos que o que acontece no espaço onde se vive está para além das condições naturais e/ou humanas. Assim, ao conviver com os indígenas, concluímos que é

fundamental no currículo de Geografia, permitir que os estudantes conheçam sua história e consigam entender os eventos no/do lugar onde vivem.

Isto resgata a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É essencial, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo seu estudo (CALLAI, 2003). Diante dessas constatações, destacamos que é necessário repensar o currículo para que os alunos indígenas reconheçam as condições que dizem respeito à vida deles e de seus familiares, e a de outras pessoas que tiveram de se adaptar às transformações ocorridas em seu entorno. É importante que percebam as suas condições de moradias, estudo, lazer, saúde e o futuro da sua própria comunidade, que perpassa pelo processo de ocupação e organização do espaço em que vivem, de acordo com as relações sociais que se desenvolvem.

Para melhor entendimento da pesquisa iremos trabalhar neste artigo os seguintes tópicos: O ensino de Geografia na Escola Municipal Indígena Atikum e A proposta do Currículo de Geografia em discussão pelos indígenas Atikum.

## 2 | O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ATIKUM

A necessidade e a importância da presença da Geografia enquanto disciplina na educação escolar indígena se faz indispensável para fornecer as justificativas de realização da pesquisa que resulta neste artigo, pois, só tendo estas respostas, podem-se compreender as estratégias de ensino-aprendizagem deixadas como sugestão para realidade escolar dos povos Atikum.

Durante os anos de 2014/2015 a disciplina de Geografia era praticamente invisível na escola indígena Atikum, uma vez que, os professores se preocupavam em trabalhar os componentes curriculares de português e matemática, reflexo do costumeiro discurso capitalista de atender as necessidades do mercado globalizado: “o que importa é saber ler e fazer contas”, ao passo que os outros componentes curriculares, eram somente abordados uma vez na semana.

Com o registro oficial de Escola Municipal Indígena Atikum, foram organizadas as aulas de Geografia para duas vezes na semana com horários fixos. Assim, durante o ano letivo de 2015 observei as aulas distribuídas ao longo do ano, a primeira semana no mês de março, a segunda semana no mês de junho e a terceira semana no mês de setembro ministrado pela professora Raquel, nas turmas 6º e 7º anos.

A cada visita à escola percebi que não havia progresso. Sempre a mesma metodologia: a utilização do livro e questões no quadro para os estudantes responderem. Em diálogo com a professora da disciplina, a mesma relatou que segue os conteúdos do livro didático emitido todos os anos no encontro de jornada pedagógica ministrado pela Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe, da coleção: SAMPAIO, Fernando dos santos. **PARA VIVER JUNTOS: geografia, 6º e 7º ano: Ensino fundamental.** – 3 ed. São



Figura 1: Livros didáticos utilizados na disciplina de Geografia.

Fonte: Borges, março de 2016

A intenção não é desvalidar o livro didático e sim analisar se os conteúdos abordados são pertinentes aos anos escolares a quais são elaborados, e se estes condizem com a realidade local do grupo indígena, uma vez que consideramos os objetos de conhecimento como ponto de partida para uma reflexão além da sala de aula, que possam instigar o estudante a questionar, se reconhecer nesse processo e repensar seu lugar de vivência.

Assim, foi construído na Jornada Pedagógica do ano de 2015 sediada pela Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe, os planos de cursos anual para as respectivas disciplinas. No que concerne à Geografia, o quadro a seguir apresenta o plano de curso elaborado pela professora regente:

Plano de Curso de Geografia 6º ano 2015						
Objetivo Geral:	Objetivos específicos	Justificativa	1º Unidade	2º Unidade	3º Unidade	4º Unidade
Conhecer melhor o espaço onde vive e comparar com o espaço do mundo atual, compreendendo que todo têm direitos e deveres.	Compreender que a Geografia tem um papel fundamental na formação do meio ambiente; Conhecer o nosso lugar de vivência e entender que ele tem particularidade com outros lugares;	As informações contidas nesses conteúdos nos revela o quanto é importante contribuir na formação de cidadãos conscientes e participativos que somos.	Lugar e paisagem As transformações da paisagem Os lugares dos espaços vividos Meio ambiente Orientação e localização O sistema de coordenada O planeta terra	A natureza em nossas vidas A crosta terrestre As camadas da terra Os principais movimentos da terra Os solos A água em nossa vida	Placas tectônicas Unidades de relevo Hidrografia Terrestre A água na terra O uso da água oceânica	Elementos atmosféricos Poluição Biosfera As fases da água

Figura 2: Quadro de objetos de conhecimento da Geografia

Org: Borges, 2016

Os conteúdos supracitados são os capítulos que compõem o livro já mencionado nas páginas anteriores. A professora relatou que esses eixos temáticos foram os mesmos trabalhados nas outras turmas de 7º, 8º e 9º ano, sob justificativa de dividir o tempo de aula para trabalhar na proposta do projeto despertar com os seguintes temas:

- Tratamento da água
- Características da água
- Água em nossa vida
- Assuntos de religião
- Coleta de lixo na comunidade
- Tipos de lixo
- Como reciclar? Quais materiais reciclar?
- Revitalizar a horta na escola

Percebe-se que não há uma orientação/reflexão por parte daqueles que promovem e participam da jornada pedagógica de quais conteúdos são adequados para a realidade da comunidade, bem como, não há na própria comunidade a reflexão sobre o plano de curso das disciplinas, além de a inexistência da temática indígena proposta pelo livro. Sobre isso, Rego (2010, p. 62) afirma: “tanto quanto pela repetição do que é dito, o estereótipo é formado pelo extenso vazio do não dito. [...] uma imagem a ausência de referências a condições socioeconômicas.” É notório que os livros didáticos de Geografia avançaram em termos de conteúdos abordados em outras temáticas, no entanto, onde está a abordagem da questão indígena?

Há muito tempo via-se nos livros um pequeno texto sobre o “descobrimento” do Brasil e uma imagem dos indígenas com arco e flecha. Há uma invisibilização da atual condição de ser indígena no Brasil, que perpassa pela perspectiva da luta por terras demarcadas, por reconhecimento étnico, massacres por parte do estado e latifundiários contra indígenas, movimentos de reelaboração sociocultural voltados para educação escolar indígena, e as novas (re) produções do espaço geográfico pelos indígenas.

Costumeiramente as figuras através de representações lúdicas, são pessoas desenvolvendo atividades de trabalho [...] em sua maioria brancos associados a propagandas televisivas e comerciais. Indígenas são inexistentes [...] como se não existissem descendentes em meio aos atuais habitantes e trabalhadores do país que enfrentam conflitos de posses e usos da terra. (REGO, 210).

Mesmo que o livro didático tenha uma abordagem de criticidade em relação alguns temas, ao passo que as reflexões estejam para além da sala de aula e do que o livro apresenta, ainda é considerado o principal e em alguns casos, como o da escola indígena Atikum o único material norteador de aulas. Se o livro não propuser a abordagem crítica e

acentuada da atual situação dos indígenas, estes não irão saber direcionar tais reflexões, mesmo que seja da sua própria realidade.

Cabe-nos questionarmos o que essas pessoas aprenderam e nossas crianças do século XXI ainda aprendem? O “índio” como ser vinculado ao passado, com alguma presença significativa somente na formação da colônia e na constituição do “povo brasileiro”. (COLLET et al, 2014, p.5). O que se observa são atividades genéricas e estereotipadas na comemoração do dia do índio por exemplo, em que crianças se pintam e enfeitam sem refletir acerca dos significados dessas pinturas, dos artefatos e objetos dos indígenas, sem se reportar a uma etnia por exemplo.

As escolas das cidades de entorno à comunidade sabem da existência do grupo indígena Atikum? Conhecem sua luta por uma educação escolar específica? Creio que não. O RCNEI reconhece a importância da Geografia escolar para estes povos. Ao consultá-lo, nota-se que o referencial objetiva direcionar o ensino de Geografia para os aspectos vivenciados pelos indígenas em seu cotidiano. Dessa forma, a unidade de Geografia no documento está organizada da seguinte forma:

- Por que estudar Geografia nas escolas indígenas?
- O espaço Geográfico
- O que é Geografia?
- Para que estudar Geografia?
- O mapa da terra
- A vontade de saber
- Sugestões de temas
- Por onde começar?
- Temas de estudo
- Os espaços geográficos da aldeia, do território, e de outros territórios.
- O espaço geográfico brasileiro
- Sugestões de trabalho
- O ensino da Geografia e a avaliação
- Indicações para a formação do professor
- Bibliografia

Percebe-se nos trechos acima que a Geografia tem diversos significados para os povos indígenas. Entretanto, entende-se que cada povo tem um relacionamento diferenciado com os seus lugares de vida, criando assim seus espaços geográficos, e também seus modos, explicá-los e vivenciá-los, ou seja, cada povo tem as suas Geografias.

Neste sentido, o MEC (2005, p.126) afirma que:



“A geografia permite, assim, conhecer e explicar o mundo por meio do estudo do espaço geográfico levando em conta o que se vê – as paisagens; o que se sente e com que a pessoa se identifica – os lugares; e o que são referências significativas para os povos e os indivíduos, para conviver, trabalhar, e produzir sua cultura – os territórios”.

A abordagem dos objetos de conhecimento específicos adquire um sentido real quando se estabelece relações entre o que é estudado e o que faz parte do lugar onde o aluno está inserido. Importante ressaltar, da relevância em não reduzir o conceito de lugar ao de localização. Segundo Rezende (1989), deixamos de valorizar o conhecimento prévio que o aluno traz de seu espaço geográfico, valorizando primeiro e inserindo o saber desconhecido, negando o espaço histórico do aluno.

Na abordagem da Geografia, o aluno deve partir primeiro do estudo do seu ambiente mais próximo: o lugar onde mora, a percepção que se tem desse lugar. Em virtude dessas considerações, ele aprenderá a localizar e representar o espaço que o cerca. A questão que se segue é: quantas escolas indígenas têm acesso a esse material de apoio? Quantas escolas indígenas conhecem essas diretrizes e normas voltadas a educação escolar indígena? Se tivessem acesso a este material a educação escolar indígena seria diferente? Os professores indígenas saberiam adequar seus currículos para a necessidade de sua comunidade?

Os professores indígenas Atikum não conheciam a existência desses documentos como RCNEI, LDB, SECAD, o que confirma os questionamentos levantados no início deste artigo: mesmo que seja um avanço, tais documentos ainda estão inacessíveis às diversas escolas indígenas, e neste caso, estava até então inacessível a comunidade escolar Atikum.

Ao apresentar tais documentos e analisar as sugestões de temas junto com os professores indígenas Atikum, encontramos propostas que se adequam à realidade do grupo indígena em questão. Pode-se começar a estudar geografia por qualquer ponto que seja significativo para aquele povo e aquela comunidade: pelo céu, pela terra, pela mata, pelo território indígena, pelas águas. Um exemplo pode ser começar a geografia pelas águas.

Estudar o território a partir das águas não significa desconsiderar outros aspectos, mas é um dos caminhos pelo qual se pode avançar nesse estudo. A água é fonte de vida para todo mundo deste planeta e é um assunto importante para qualquer comunidade. (RCNEI, 1998, p. 230)

Podemos visualizar isso no cotidiano dos alunos da escola Atikum. Em uma das minhas visitas à comunidade, fiz parte do pequeno grupo de crianças que acordaram cedo para ajudar seus pais na pescaria na beira do Rio Grande. Ao possuir tal habilidade, estão ao mesmo tempo construindo uma Geografia do seu lugar, na qual, é passada de pai para filho a cultura da pescaria nas margens do rio em que são criados e possuem uma relação de conhecimento e afeto por desenvolver o referido trabalho diariamente.



Figura 3: crianças indígenas voltando da pescaria de manhã cedo

Foto: Borges, 2016

Desse trabalho podem-se abordar os aspectos econômicos da comunidade, já que a pescaria é a principal fonte de renda do assentamento Benfica. Além disso, pode-se trabalhar a questão de utilizarem a água do Rio para desenvolver suas tarefas diárias como cozinhar, lavar louças e roupas, tomar banho, como veremos na figura 4.



Figura 4: Esposa do cacique lavando louças no giral com água do Rio Grande.

Foto: Borges, junho de 2015

Assim, as propostas de Geografia escolar inclusa no RCNEI quando discutida e adequada para a realidade local, contribui para a luta contra os preconceitos e em favor do sentimento de pluralidade, a crença no conhecimento acerca de outros povos e a respeito da natureza, bem como, pode contribuir para a reelaboração do seu modo de vida com o

lugar vivido.

Por meio da Geografia escolar, é possível que compreendamos como diferentes sociedades e neste caso específico dos indígenas Atikum, interagem com a natureza na reelaboração de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivem, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares, para assim, adquirirmos uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecem com o meio e conosco, quando nos permitimos nos inserir no cotidiano dessa comunidade e compreender por que crianças indígenas preferem desenvolver o conhecimento na atividade de pescaria à estar na escola, e de como essas relações irá influenciar e interligar a reelaboração de outras Geografias para a educação escolar indígena Atikum.

### **3 | A PROPOSTA DO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA EM DISCUSSÃO PELOS INDÍGENAS ATKUM**

O modelo escolar adotado na escola indígena Atikum, baseia-se nos moldes etnocentristas e homogeneizadores, na qual, exclui as particularidades das culturas diferenciadas nos currículos escolares. Atualmente, depara-se com essa mesma escola reivindicando a autonomia conquistada por leis e diretrizes, para efetivar a proposta da interculturalidade.

Assim, propomos nesse tópico discutir a construção do plano de curso para a disciplina de Geografia, voltado para os reais anseios e necessidades do povo Atikum, pois possibilitam discussões que envolvem a escola e a comunidade como um todo, de modo que a partir das iniciativas discutidas em sala de aula podem incitar a construção de novas ações pelos próprios alunos e destes para os demais membros das famílias.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (2013, p.394) este modelo de escola deve elaborar o currículo “em uma perspectiva intercultural, podem ser construídos considerando-se os valores e interesses etnopolíticos das comunidades indígenas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos Projetos Político Pedagógico”.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é a expressão de autonomia e de identidade escolar, relaciona-se com os modos de vida dos grupos étnicos de forma que possibilite aos estudantes indígenas desenvolver estratégias de conhecimento tecnológico, que sejam úteis aos conhecimentos tradicionais econômico, social e cultural de suas comunidades (BRASIL, 2013).

No entanto, a Escola Municipal Indígena Atikum não possui PPP e nem o currículo específico que atenda os aspectos comunitários, intercultural e diferenciado, também não possuem oportunidades de debater a construção dos mesmos, por que as secretarias municipais e estaduais de educação e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) não disponibilizam equipes especialistas em educação indígena que possam orientar os

professores, estudantes, pais e a comunidade como um todo na construção do PPP da escola indígena, conforme previsto no Plano Nacional de Educação (PNE) Lei 10.172, promulgado em janeiro de 2001.

Destarte, a escola indígena funciona conforme os planos de curso que são “construídos” pelos professores indígenas na Semana Pedagógica das escolas municipais da cidade de Cotegipe. No ano de 2015, os professores indígenas com o intuito de dar o primeiro passo para estabelecer sua escola nos moldes específicos e diferenciados, construíram o plano de curso da disciplina de Geografia com a participação dos pais e estudantes.

Neste sentido, o plano de curso é a base da realidade que a escola indígena Atikum busca reelaborar, através do cotidiano escolar estabelecer a relação cultura, identidade e plano de curso (NASCIMENTO e URQUIZA, 2010) orientadores dos propósitos de construir significados para o lugar que a escola indígena ocupa, e reverter esse processo educacional colonialista para compreender a importância que o ensino específico e diferenciado de Geografia possui, à priori, enquanto formador de identidade.

Elaborar um plano de curso para uma disciplina não é tarefa fácil, pois, se quer que esta seja nos moldes interculturais há que considerar o contexto democrático de decisões, em que todos se sintam representados. Tal processo só será possível se os envolvidos, neste caso, pais, estudantes, professores, assessorias construir um plano de curso que seja o oposto do modelo escolar dominante. Para isso, no caso específico, os envolvidos precisam valorizar a etnogeografia do grupo indígena em seus lugares de moradia. A seguir, apresentamos a proposta de construção do plano.

<b>Plano de curso de Geografia da Escola Indígena Municipal Atikum</b> <b>Professora: Raquel Oliveira de Moura</b> <b>Turno: Matutino Turmas: 6° e 7° ano</b>
<b>Apresentação</b> O presente plano de curso é destinado às turmas de 6° e 7° ano de Geografia da Escola Indígena Municipal Atikum, na qual, assegure uma educação diferenciada e específica articulada às demais atividades da comunidade Benfica, no período de 200 dias letivos.
<b>Objetivo geral</b> Ressignificar os conhecimentos já existentes para a valorização da etnia Atikum, e em favor da pluralidade da nossa comunidade.
<b>Objetivos específicos</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a história itinerária e tradicional do nosso grupo familiar, no que tange os lugares em que passamos e a nossa reelaboração social e cultural antes e depois de morar no assentamento Benfica;</li><li>• Ressignificar o lugar em que vivemos (nosso espaço geográfico, os elementos da natureza);</li><li>• Compreender a importância da relação entre nosso povo e os componentes da natureza (água, plantas, animais, cultivo, pesca e etc.);</li><li>• Fortalecer nossa identidade cultural;</li><li>• Refletir sobre nossa relação com os não “índios” (tanto as pessoas da própria comunidade, quanto os de fora e que mantém alguma relação com nossa comunidade);</li><li>• Saber representar através da linguagem cartográfica, todos esses conhecimentos;</li></ul>

<b>Justificativa</b>
Cada povo do mundo vive em um lugar diferente e (re) cria diversas maneiras de entender, nomear e se relacionar com o seu lugar e suas paisagens, transformando seu espaço geográfico ao longo do tempo. Dessa forma, é necessário que através da Geografia os estudantes possam estabelecer significados ao modo em que vivemos e utilizamos nosso espaço.
<b>Conteúdos I unidade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rio Grande e sua importância para comunidade Benfica (preservação, utilização, etc.)</li> <li>• Agroecologia e agricultura familiar (o que é horta? como fazer? O que plantar?);</li> <li>• Localização, transportes (problemas de locomoção do assentamento à cidade);</li> <li>• Fronteiras municipais (os limites intermunicipais e sua influência no assentamento);</li> <li>• Modo de vida indígena versus modo de vida da cidade;</li> </ul>
<b>Conteúdos II unidade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecendo o lugar de vivência;</li> <li>• O céu do lugar onde eu moro;</li> <li>• Lugar habitado pelo nosso povo antigamente, como é hoje?</li> <li>• Atividades econômicas (qual a divisão do trabalho das pessoas na comunidade? Como é o comércio?);</li> <li>• Os trajetos para o local de trabalho;</li> <li>• Cartografia mental (representação social dos estudantes);</li> </ul>
<b>Conteúdos III unidade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade, território e relações sociais;</li> <li>• Quem somos nós? Como é nosso povo?</li> <li>• Demarcação de território (homologação, problemas em conseguir terras);</li> <li>• Qual a ocupação e uso que experimentamos em nossa terra?</li> <li>• Com quantos outros grupos familiares me relaciono?</li> <li>• Meios de comunicação;</li> </ul>
<b>Conteúdos IV unidade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade, território e relações sociais;</li> <li>• Quem somos nós? Como é nosso povo?</li> <li>• Problemas de recursos naturais em nossa comunidade;</li> <li>• Preservação e degradação do solo;</li> <li>• Coleta seletiva na comunidade;</li> <li>• Coleta seletiva na comunidade;</li> <li>• Estações do ano;</li> </ul>
<b>Metodologia</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenhos e ilustrações</li> <li>• Produção de textos e cartilhas;</li> <li>• Pintura, painéis com folhas A4;</li> <li>• Maquete com recursos da comunidade (argila, galhos de árvores, sementes, pedras e etc.);</li> <li>• Colagens, fotografias;</li> <li>• Passeios na comunidade;</li> <li>• Manifestações culturais;</li> <li>• Consultas em livros didáticos, mapas e atlas;</li> </ul>
<b>AVALIAÇÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Será o mais simples possível, através da oralidade dos estudantes, da escrita, ou só na observação.</li> <li>• Conforme habilidades e competências específicas de cada discente</li> </ul>
<b>Referências</b>
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. <b>Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena.</b> – Brasília, 2013.
_____. <b>Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.</b> – Brasília, 1998.

Quadro 1: Plano de curso de Geografia

Org. Borges, 2016

O supracitado plano de curso de Geografia para as turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental, é o início de um futuro projeto político pedagógico emancipatório para a escola indígena Atikum com a expectativa de que este esteja à serviço da/para a comunidade. Ao elaborar, as mães dos estudantes e professoras, buscaram aproximá-lo o máximo possível de sua realidade, uma vez que foi construído em um momento de roda de conversa informal, porém coletivo, apenas expondo os anseios de cada uma para a escola que almejam construir para seus filhos e comunidade.



Figura 5: Mães de estudantes indígenas conversando sobre o plano de curso

Fonte: Borges, 2016

Nesse momento, apresentei as diretrizes curriculares indígenas e a partir da leitura, as mães dos estudantes indígenas - que também são as professoras da escola -, iniciaram a pensar o plano de curso com os seguintes questionamentos: Qual assunto iremos trabalhar em cada unidade? Qual a realidade escolar e de vida da nossa comunidade? Os estudantes irão estudar estes conteúdos em grupo ou individual? Iremos continuar as aulas apenas dentro da escola, ou podemos fazer ao ar livre? Como será a avaliação do que os estudantes estão aprendendo? “A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização, é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor” (FREIRE, 1981, p.35).

Ao construir o plano de curso de Geografia, é necessário que o grupo indígena pense em um processo contínuo de ação e reflexão da vida escolar em comunidade, já que a proposta reflete o seu próprio cotidiano, pois tal atividade será essencial para a concretização da práxis intercultural na escola que pode resultar em novas ações e reflexões.

Estas e outras questões levou à elaboração do plano de curso de Geografia já



exposto. A professora da disciplina, optou por fazer um plano de curso para as duas turmas de 6° e 7° ano, na justificativa de que não há diferença de conteúdos na disciplina em suas turmas, pois, mesmo em turmas diferentes, os estudantes estão no mesmo nível de aprendizagem e, por esse motivo, cabe explicar cada etapa do plano de curso construído.

Primordialmente, os objetivos “dizem respeito à definição das aprendizagens que cada plano de curso define como essencial para os alunos” (RCNEI, 1998, p.59). Os objetivos na educação escolar indígena possuem uma função diferente dos objetivos dos currículos das escolas normais.

Os objetivos gerais são complementados pelos objetivos específicos e didáticos, uma vez que, orientam os professores em suas práticas pedagógicas na escola. Além disso, o RCNEI (1998) define como “objetivos terminais”, na qual já é decidido no início do processo de ensino – aprendizagem onde se almeja chegar e a temporalidade dos conteúdos, para que os estudantes aprendam no “mesmo ritmo e ao mesmo tempo” (RCNEI, 1998, 59).

Geralmente nas escolas normais o estudante que não consegue acompanhar o ritmo de aprendizagem é reprovado, sendo necessário repetir o ano ou a disciplina escolar. Não é este o caso da concepção dos objetivos para escola indígena. Estes, propõe a autonomia do professor em mediar caminhos sabendo que os estudantes irão aprender de forma bastante diferente, o que resulta no sentido da intraculturalidade coletiva e individual.

Os conteúdos propostos dizem respeito a relação que a escola indígena torna possível entre a “educação escolar e a vida em sua dinâmica histórica” (RCNEI, 1998, p.58). Significa que, através dos conteúdos estudados o conhecimento tradicional passa a ser reelaborado e vivido pelo seu povo, ressignificando em diálogo com outros saberes. Seria a articulação do conhecimento posto “entre lugares” (BHABHA, 1998), que oportuniza o espaço escolar e comunitário para a reelaboração de ações coletivas e individuais que dão início a novos signos de sua identidade.

Assim, os conteúdos escolares passam a ser importantes para a ressignificação da realidade dos estudantes Atikum e de outros povos, na perspectiva de que através da reflexão escolar, o grupo indígena evidencie as questões mais significativas para os estudantes e as questões sociais, naturais, culturais e políticas da comunidade.

Para efetivar essa proposta de plano de curso, é necessário que os professores, estudantes e parceiros da escola indígena, “talem metodologias de pesquisa que envolvam um trabalho coletivo, [...] na qual vai definindo os atuais e futuros rumos de um projeto educativo, como parte dos projetos comunitários” (RCNEI, 1998, p.65).

Não há dúvidas de que a “melhor” metodologia utilizada é o contato dos estudantes com os recursos da própria comunidade, seja em um momento de roda de conversa com os mais velhos sobre determinado assunto que pode ser estudado em sala de aula, seja na utilização de sementes de árvores para confecção de artesanatos, essas opções descritas de como os professores indígenas vão trabalhar os conteúdos, é o que o (RCNEI, 1998)

vem definindo como “pedagogia indígena”.

Tal pedagogia é caracterizada conforme o trabalho de cada professor indígena em parceria com sua comunidade educativa, de forma, que as responsabilidades de ensinar não seja só do professor, mas sim dos familiares de forma que sua participação seja ativa no processo escolar, assim, os resultados alcançados na escola indígena, não será apenas dos professores e estudantes, mas sim da comunidade como um todo.

No que tange a avaliação, é de comum de acordo que nas escolas normais, este é visto como excludente e punitivo para os estudantes que não conseguiram alcançar a média para aprovação, o que resulta muitas vezes em evasão e o conseqüente enfraquecimento do sistema escolar. Na escola indígena essa forma de avaliação não é aceita, pois, os objetivos postos pelas secretarias de educação estadual e municipal é diferente dos objetivos de uma escola construída para sua comunidade.

Conforme o (RCNEI, 1998, p.70) “a nova proposta de escola indígena cujo objetivo é fortalecer a luta pela autodeterminação, muda essa lógica de avaliação. Deixa de ser um instrumento de negação e exclusão e passa a ser instrumento de apoio e incentivo”. Na escola indígena a avaliação é vista com caráter formativo de seus membros, e não eliminatório, dialogando com os estudantes suas habilidades e especificidades escolares, e que deixa de ser considerada avaliação e passa a ser mais uma “estratégia didática” para o aprendizado dos estudantes.

Assim, o plano de curso de Geografia construído como uma primeira proposta de elaboração curricular para a escola indígena Atikum, é na verdade uma proposta de (re) pensar os saberes, a cultura escolar imposta e a cultura da escola indígena, na perspectiva de desconstruir subalternidades e o etnocentrismo colonial educativo para que as pessoas da comunidade sejam as vozes que irão dá significados para uma nova função social para educação escolar indígena Atikum.

Na prática, significa abrir espaço para a retomada da cultura nos processos educacionais, ligadas às experiências do cotidiano, à vivência dos estudantes, à reelaboração social e histórica em diálogo com a interculturalidade na construção dessa escola.

#### **4 | PARA (NÃO) CONCLUIR**

O presente artigo buscou problematizar o cotidiano da Educação Escolar Indígena Atikum, e em específico o ensino de Geografia. Essa realidade é muitas vezes criticada como sendo, ainda, de mera reprodução do sistema escolar ocidentalizado.

No entanto, mesmo que ainda não totalmente específica ou diferenciada como propõe a legislação, o grupo indígena Atikum vem fazendo a experiência de reelaboração do seu cotidiano escolar uma vez que seus principais agentes, estudantes e professores, são indígenas. No mínimo, trata-se de uma realidade em processo contínuo de ressignificação



e a expectativa de uma escola intercultural com a identidade étnica Atikum para a escola de sua comunidade.

Como explanado no tópico anterior, a ideia de construir o plano de curso de Geografia, foi também para ser apresentado e debatido na Semana Pedagógica Municipal de Cotegipe – BA, que aconteceu nos dias 22 e 23 de fevereiro do ano de 2015 na quadra da Escola Municipal Eduardo Maciel.



Figura 6: Jornada Pedagógica de Cotegipe – BA

Foto: BORGES, 2016

A jornada pedagógica teve como tema **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: Um desafio a ser vencido**, com o intuito de problematizar a escola que possui e buscar novas formas de construção para o espaço educativo que almejam, ao refletir as práticas pedagógicas e superar a visão simplista e técnica da função social da escola. No entanto, em nenhum momento houve oportunidade para explanar os desafios, necessidades, o planejamento para o ano, a importância de se construir o PPP, o currículo, o plano de curso de Geografia, tampouco visibilidade para as professoras indígenas. Não foi montado nenhum stand com material e artesanatos indígenas, fato que urge para a necessidade de pensar sobre o papel das jornadas pedagógicas que contraditoriamente trouxe como tema refletir a função da social da escola, mas não abrangem o espaço formativo indígena.

Como avançar em debates acerca da função da escola ao passo que excluem a escola indígena que simboliza a cultura e a resistência nesse sistema educacional colonialista? Além disso, há outro contraponto a ser debatido que não é dado a devida importância.

Os indígenas lutam para concretizar a escola indígena do ensino fundamental como sendo específica e diferenciada. Ao término do ensino fundamental os estudantes são matriculados no ensino médio à distância da outra escola municipal da comunidade, em

que assistem aulas por vídeo conferência, e segundo alguns estudantes indígenas não estão conseguindo aprender, já que não há orientação presencial, tendo muitas vezes que repetir o mesmo módulo por não ter conseguido alcançar a média de aprovação.

Essa situação revela o choque do sistema educacional que os indígenas enfrentam, pois se no ensino fundamental possuem um sistema diferente de ensino – aprendizagem mais próximo à suas realidades, no ensino médio já possui o obstáculo de lidar com educação que até então diverge das premissas defendidas pelos indígenas. Há a ideia de construir a escola estadual de ensino médio para os indígenas, mas como revelado o descaso com a escola do ensino fundamental, é mais um desafio que o grupo indígena há de superar.

Observa-se então, a negação, invisibilização, não proposta da questão educacional indígena em toda a rede municipal escolar. No entanto, se tem um local criado pelos “brancos” que é cada vez mais requisitado pelos indígenas Atikum para ressignificar-se enquanto grupo étnico, este é a escola.

Por fim, deixo como reflexão para futuras discussões, as seguintes questões: por que o Atikum quer escola? para que serve a escola? o que vai trazer para seus filhos? como é essa escola diferenciada? como o ensino de Geografia pode contribuir na comunidade? Como vai ser daqui há dez anos? O que a escola vai ensinar? Questionamentos como estes são os que constroem uma boa escola indígena, oportuniza o espaço de novas reflexões que podem resultar em ações coletivas na tomada de decisão do modelo de escola que esteja a serviço da comunidade.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. – Belo Horizonte, ed. UFMG, 1998.

BORGES, Édila Bianca Monfardini; RIGONATO, Valney Dias. **A reelaboração sociocultural na Geografia escolar: o caso da Escola Municipal Indígena Atikum**. In: SILVA, Américo Júnior Nunes da (Org.). Educação, atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, p. 78-93, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena**. – Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Nacional de Educação**. – Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. – Brasília, 1998.

CALLAI, Helena C. **O estudo do município ou a Geografia nas séries iniciais.** In: CASTROGIOVANI, Antonio C (org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB-Seção Porto Alegre, 2003.

COLLET, Célia Letícia Gouvêa. **Quebrando Preconceitos: Subsídios para o ensino das culturas e história dos povos indígenas/** Célia Collet, Mariana Paladino, Kelli Russo. – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; LACED, 2014.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a prática da liberdade.** – Rio de Janeiro, 5° ed., Paz e terra. 1981.

NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, A.H. Aguilara. **CURRÍCULO, DIFERENÇAS E IDENTIDADES: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá.** Revista Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.113-132, jan/jun, 2010.

REGO, Nelson. **Representações Culturais e educação para a cidadania: as cores de um povo.** In: **Coleção Explorando o Ensino: Geografia Ensino Fundamental.** – Brasília: Ministério da Educação, 2010.

RESENDE, Márcia Spyer. **O saber do aluno e o ensino de geografia.** In Vesentini, J. W. – Organizador. Geografia e Ensino – textos críticos. CampinasSP: Papirus, 1989.

SAMPAIO, Fernando dos santos. **PARA VIVER JUNTOS: geografia, 6° e 7° ano: Ensino fundamental.** – 3 ed. São Paulo, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Água 21, 25, 59, 61, 62, 64, 102, 103, 105, 106, 115, 121

Alimento 125, 126

Amazônia 1, 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 110, 112, 114, 118

Análise 3, 15, 16, 36, 38, 40, 73, 76, 77, 78, 80, 92, 93, 96, 111, 118, 123, 125, 126, 127, 129, 135, 136

### C

Capoeira 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

Cerrado 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123

Cidade 14, 34, 41, 42, 44, 64, 65, 75, 81, 84, 112, 122, 123

Conhecimento 2, 3, 4, 7, 11, 13, 14, 16, 21, 23, 28, 30, 32, 39, 45, 46, 48, 52, 56, 58, 61, 62, 63, 67, 70, 74, 87, 88, 107, 111, 122, 127, 128, 135, 136

### D

Deficiência 27, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40

Desenvolvimento 6, 8, 12, 23, 26, 27, 28, 30, 35, 36, 37, 42, 45, 48, 50, 53, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 83, 88, 90, 91, 93, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 109, 112, 113, 114, 119, 121, 122, 123, 135, 136, 137, 138, 140

### E

Educação 1, 4, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 80, 82, 83, 86, 89, 100, 107, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140

Energia 12, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 140

Escola 1, 2, 4, 5, 8, 9, 12, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 52, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 80, 81, 85, 86, 88, 89, 118, 135, 139

Espaço 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 26, 28, 29, 44, 45, 50, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 110, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 126, 129, 136, 137, 139

Estudo 10, 13, 26, 40, 54, 56, 57, 60, 61, 71, 74, 91, 100, 102, 104, 107, 108, 109, 111, 125, 126, 127, 131, 132, 133, 138

## **F**

Fonte 2, 17, 18, 19, 21, 22, 58, 61, 62, 66, 76, 78, 79, 80, 82, 93, 94, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 116, 117, 119, 120

## **G**

Geografia 1, 2, 5, 6, 8, 9, 11, 13, 15, 24, 25, 26, 28, 29, 38, 40, 41, 48, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 107, 108, 110, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 135, 140

## **H**

Humano 1, 27

## **I**

Imigrante 91, 94, 95

Indígena 2, 5, 7, 8, 42, 43, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 90, 118, 132, 133, 134, 138

## **J**

Jogos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 23, 24, 25

## **L**

Lugar 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 28, 29, 33, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 64, 65, 77, 81, 85, 86, 90, 95, 109, 130, 132, 136, 137, 139

## **M**

Metodologia 7, 10, 13, 26, 45, 50, 57, 65, 67, 75, 109, 111, 126

Município 17, 18, 19, 20, 23, 24, 38, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 71, 118, 124

## **N**

Natureza 2, 3, 5, 24, 27, 29, 45, 62, 63, 64, 87, 88, 101, 135

Necessidade 11, 12, 14, 16, 20, 30, 31, 32, 49, 52, 53, 57, 61, 69, 75, 82, 102

## **O**

Organização 18, 28, 35, 37, 57, 78, 88, 125, 134, 135

## **P**

Paisagem 8, 90

Participação 4, 14, 23, 24, 28, 30, 55, 56, 64, 68, 77, 103, 110, 134

Pesquisa 1, 7, 8, 10, 13, 16, 41, 44, 45, 46, 55, 56, 57, 67, 74, 79, 82, 83, 85, 88, 109, 111, 112, 113, 122, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 139, 140

Poética 1, 2, 5, 6, 7, 9, 85, 86, 87, 89, 90

Professor 11, 12, 13, 14, 15, 24, 26, 27, 30, 32, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 60, 67, 68, 72, 87, 88, 114, 115, 125, 140

## **R**

Rodovia 109, 111, 117, 118, 119

## **S**

Sociedade 3, 4, 6, 7, 29, 30, 33, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 63, 96, 100, 102, 107, 117, 118, 128, 132, 133, 134, 135, 136

Sustentável 100, 102, 103, 105, 107, 122, 123

## **T**

Terra 7, 8, 9, 51, 56, 59, 60, 61, 65, 71, 89, 111, 113, 114, 118, 124

Territorial 14, 16, 20, 111, 140

Território 8, 42, 49, 54, 60, 61, 65, 90, 105, 111, 114, 115, 130, 140

Trabalho 2, 12, 13, 30, 38, 41, 42, 45, 48, 49, 50, 53, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 81, 86, 101, 103, 110, 115, 126, 130, 136, 137

## **V**

Viver 2, 3, 6, 7, 8, 9, 57, 71, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 98, 114

# GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 